

## 21. A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Foi com naturalidade que ao longo do século xx um rol imenso de países, após a obtenção da sua independência, se declarou solidário com a Palestina e esta se tornou um foco inseparável das nações libertas das amarras coloniais. Uma das maiores figuras deste século, Nelson Mandela, manteve-se irredutível quanto ao seu apoio à causa palestina, apesar de todas as pressões e acusações de que foi sendo alvo. Pressões estas que têm subido de tom e intensidade no presente milénio contra toda e qualquer pessoa, célebre ou anónima, que anuncie o seu apoio ao povo palestino.

Um marco importante foi o surgimento do movimento BDS, em 2005. O movimento foi lançado a partir dos territórios palestinos ocupados e apelava ao Boicote, Desinvestimento e Sanções a Israel, em resposta às suas congénitas e permanentes violações dos direitos humanos e do Direito Internacional. O movimento exigia que cessasse a ocupação militar dos territórios ocupados em 1967, que os palestinos cidadãos de Israel obtivessem igualdade perante os cidadãos israelitas judeus e que o direito dos refugiados palestinos fosse respeitado, como consagra a Resolução 194 da ONU.

Portugal não tem sido excepção na luta pelos direitos dos palestinos e pela ruptura com as políticas opressivas do Estado de Israel. Em 2016, o MPPM, num esforço colectivo com múltiplas organizações portuguesas, participou numa campanha para que Portugal findasse a sua participação no programa europeu Law-Train, de intercâmbio de técnicas e métodos policiais, no qual participava o Ministério da Segurança Público de Israel, instituição notória no branqueamento dos casos de tortura e detenção ilegal de palestinos. A campanha conheceu um desfecho positivo quando Portugal se retirou do mesmo programa.

A intensificação ao nível mundial da solidariedade com a Palestina levou até o governo israelita a criar o Ministério dos Assuntos Estratégicos, que tem gasto milhões de euros em



*A onda de violência de militares e civis israelitas contra as populações palestinas em Gaza, na Cisjordânia, em Jerusalém e em Israel, em Maio de 2021, desencadeou um movimento internacional de solidariedade em que centenas de milhares de pessoas, um pouco por todo o mundo, se manifestaram em protesto contra as agressões por Israel.*

campanhas visando desacreditar e denegrir toda e qualquer pessoa ou organização que se mostre contrária às violações diárias dos direitos nacionais do povo palestino e solidária com a luta deste.

O governo israelita tem conduzido campanhas diplomáticas de diabolização do movimento de solidariedade com a Palestina. Um dos seus resultados mais nefastos foi a tentativa de estabelecer uma espúria equivalência entre anti-sionismo e anti-semitismo. Confundindo deliberadamente com anti-semitismo a crítica à política de Israel e ao sionismo, a definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) — e sobretudo os exemplos apresentados — abre as portas à limitação da liberdade de expressão e à criminalização da solidariedade com a causa do povo palestino. O MPPM rejeitou e denunciou a adopção por vários países, incluindo por Portugal, dessa definição de anti-semitismo.

Muitos dos Estados que no passado apoiaram a colonização da Palestina pelo movimento sionista continuam hoje a fornecer



*Os activistas da solidariedade com a Palestina  
querem que a União Europeia interdite o comércio  
com os colonatos israelitas nos territórios palestinos ocupados.  
O direito humanitário internacional proíbe a potência ocupante de explorar  
economicamente os territórios ocupados.*

cobertura política e diplomática ao Estado de Israel, nomeadamente na repressão da solidariedade com a Palestina dentro dos seus próprios territórios.

Na Europa, o maior aliado de Israel, a Alemanha, classificou o movimento BDS como «anti-semita» e proíbe manifestações onde o lema esteja presente e oradores que se identifiquem com o movimento; a França no ano de 2021 proibiu a realização de manifestações de solidariedade com a Palestina; no Reino Unido a adopção da definição da IHRA tornou-se obrigatória para as universidades, sob pena de perderem financiamento estatal.

Mas é nos Estados Unidos da América que a repressão ao movimento de solidariedade se tem intensificado num maior grau, com legislação a proibir apoio ao BDS e despedimentos de trabalhadores que recusem assinar documentos onde explicitamente renunciem a apoiar o movimento.

No entanto, e não obstante as pressões de Israel e dos seus aliados, o movimento internacional de solidariedade com o povo palestino continua pujante, como se viu, por exemplo, nos

muitos milhares de pessoas que em todo o mundo participaram nas manifestações que condenaram a onda de violência sionista em Maio de 2021.

A solidariedade com o povo palestino é também visível no crescente número de figuras destacadas — académicos, artistas, intelectuais, políticos — que têm vindo a público manifestar o seu apoio ao povo palestino.

Também merece destaque a acção de organizações de solidariedade internacional e de direitos humanos — nomeadamente israelitas — que têm produzido relevante trabalho na documentação e denúncia dos crimes de Israel.

Devem ainda ser referidas as inúmeras resoluções da ONU que têm sido aprovadas por esmagadoras maiorias de países, bem como os bem fundamentados relatórios de peritos independentes e de comissões especializadas que têm sido aprovados em organismos e agências das Nações Unidas.